

TRIBUNA Livre

28
SETEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Rumos do Brasil

Que a situação política e económica do Brasil não é presentemente muito agradável, sabem-no e sentem-no todos quantos acompanham o noticiário da actualidade brasileira. São bem conhecidos os acontecimentos que há cerca de dez anos a esta parte vêm provocando crises sucessivas, gerando problemas gravíssimos.

Com a ascensão de Jânio Quadros à Presidência da República, julgou-se que teria acabado um período de sérias preocupações para o Brasil. A sua eleição parecia trazer a paz porque todos ansiavam. Mas, se as esperanças eram grandes, a decepção foi ainda maior: sete meses depois de tomar posse, Jânio Quadros renunciou espectacularmente. Os prejuízos que tal decisão causaram ao País foram tremendos e ainda hoje se sentem em todos os sectores da vida nacional.

A ascensão de João Goulart à Presidência da República não foi calma. Precedeu-a uma tremenda crise.

Comissão de desenvolvimento e Turismo da Feira Nova

Composta de vinte e dois elementos, foi constituída a Comissão de Desenvolvimento e Turismo da Feira Nova.

Esta Comissão segue-se à extinta Comissão de Melhoramentos que aqui existiu há anos e que tantos benefícios trouxe ao progresso local.

A sua finalidade é a de promover, conseguir e facilitar tudo o que tenda ao desenvolvimento das construções urbanas, facilidades de aquisição de terreno, projectos, etc, bem como tudo o que particularmente, e junto das autoridades tenda ao desenvolvimento local e turístico.

A Comissão que é composta pelos mais grados e conceituados filhos de Terra, Tribuna Livre endereça as suas felicitações e coloca-se inteiramente ao dispor, nesta cruzada sublime e importantíssima.

provocada pelo choque entre os que defendiam os preceitos constitucionais e os que negavam ao Vice-Presidente condições para assumir o cargo de Chefe do Estado. Vitoriosa a primeira tese, com a adopção do sistema parlamentarista, nem aí parou o tormentoso ambiente político. Antes pelo contrário se agravou, tanto pela agitação de problemas sociais como pela predominância de elementos esquerdistas. Voltando-se ao sistema presidencialista, nem por isso as coisas melhoraram. E temos

Continua na 4.ª página

PROSELO

A Jornada de Oferendas foi uma manifestação do melhor bairrismo

Proselo tem a sua Igreja deficientemente tratada, dando um aspecto que não está de acordo com os pergaminhos da freguesia e com o valor do templo.

Grémio da Lavoura

No dia 26 do corrente, reuniram-se no Grémio da Lavoura, os presidentes da Assembleia Geral das Casas do Povo, afim de escolherem os 3 representantes para o conselho Geral daquela colectividade.

A escolha recaiu nos Ex.mos Senhores Dr. António José da Costa, Alberto Meneses Ajambuja e António Bernardino Barbosa de Macedo e é com satisfação que vemos estas individualidades de destaque dentro dum organismo cuja vida tem sido muito vacilante e inserta, não obstante ser o órgão duma lavoura, tão débil como é a da nossa região e tão merecedora necessitada dum órgão capaz que a defenda e a proteja.

Foram concedidos 24.000 escudos aos B. V. de Amares

Por proposta do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios e por aprovação superior, foram concedidos 182.194.200\$00 a várias Corporações do País. A nossa muito valiosa e sempre pronta Corporação foi concedido um subsídio de 24.000\$00.

A boa administração, o interesse e carinho que o seu novo comandante lhe dispensa têm sido coroados de êxito, sendo este subsídio fruto do seu esforço.

Assim o reconheceu o seu novo pároco, Sr. Padre Manuel e os seus paroquianos, promovendo para as necessárias obras um cortejo que se realizou no passado domingo.

Toda a população acorreu com as suas dádivas e,

(Continua na 4.ª página)

A NOVA ESTRADA

Vista por um curioso

Tive a oportunidade de ir no passado domingo a Proselo ver o cortejo que ali se realizava. Essa oportunidade trouxe-me outra, ver a estrada nova que acaba de ser feita, ou melhor, só lhe faltam uns pequenos acabamentos.

Que lindo e que útil. Ainda há pouco não tinha uma só estrada uma freguesia tão importante. O sr. Governador, quando lá foi inaugurar a escola teve de atravessar uma bouça pela qual se fez um caminho improvisado.

Agora, uma estrada larga, toda calcetada a cubos, obra rica e perpétua.

Fiquei por momentos a pensar quanto deve o concelho a certos bairristas de

FALECEU O SNR.

Francisco Calheiros de Abreu

nosso colaborador «UERBA»

O poeta Calheiros de Abreu que colaborou no nosso jornal com o pseudónimo de «Uerba», faleceu a meio do passado domingo, na casa da Boavista, desta Vila.

O falecido era casado com a senhora Dona Elvira Almeida Calheiros de Abreu e pai das sr.as D. Maria de Fátima Calheiros de Abreu e D. Maria Manuela Calheiros de Abreu, ambas casadas, e irmão do sr. José Maria Calheiros de Abreu e das sr.as Dona Belém Calheiros de Abreu e Dona Maria José Calheiros de Abreu e tio da Sra. D. Maria de Lurdes Calheiros de Abreu e sr. Luis Calheiros de Abreu.

Pertencia a uma família muito ilustre do nosso meio, mais conhecida pela família «Pádua», nome advindo do seu extremoso pai, o falecido Dr. Pádua, alma de eleição e de saudade. Anos atrás havia-lhe falecido o irmão, sr. Luis Calheiros de Abreu, destacado benemérito que tem o seu nome li-

gado ao Campo de Jogos e à «Sopa dos Pobres».

O falecido era um nacionalista e bairrista dedicado e esclarecido. Adorava a sua terra e acompanhava-a em todos os seus passos de progresso, vivendo os acontecimentos e tendo sempre uma palavra de incitamento para os que trabalhavam.

No campo ideológico tinha ideias definidas. A quan-



Francisco Calheiros de Abreu

do da guerra civil em Espanha correu o concelho a angariar donativos para a boa causa, os quais pessoalmente levou ao seu destino visitando a frente da batalha.

Fora nacional-sindicalista. Extinto o movimento encon-

(Continua na 3.ª página)

I Festival Internacional de Cinema de Amadores promovido pelo G. D. da CUF

O Grupo Desportivo da Cuf promove este ano o seu I festival internacional de cinema de amadores, a que serão admitidos filmes nos formatos de 8, 9,5 e 16 mm, nas categorias de enredo, fantasia e documentário. Independentemente destas categorias serão ainda distinguidos os melhores filmes tendo por tema o desporto e o trabalho industrial. O prazo de entrega termina em 15 de Novembro próximo.

Os boletins de inscrição podem ser pedidos ao Grupo Desportivo da Cuf - Barreiro,

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

Ronda das colecções: os veteranos da moda Italiana em Paris, dão algo da luminosidade da sua Pátria às colecções de Outono-inverno

Um sopro alegre da irreverência italiana animou as colecções dos que fugiram da romana Praça de Espanha para os «boulevards» parisienses. Capucci, por exemplo, agarrou-se ao tema do «sweater» direito com decote em V e veste-o às elegantes desde manhã até muito tarde, pela noite fora. Simplesmente o das horas práticas—para o emprego, para as compras, para as aulas—é de malha e lã grossas; o das horas elegantes diurnas é de pele de cobra vermelha, de veludo de seda ou então de penas de tons cinzentos ou acastanhados; finalmente, o «sweater» dito «de noite» é uma preciosidade em setim, que se cobre com bordados em pedras ou em lantejoulas.

De manhã a «rapariga» Capucci usará o seu «sweater» com uma saia esguia: com um casaco solto e largo, tão sol-

to e tão largo que há mesmo modelos cortados inteiros—frente, costas e manga «raglan»—tudo junto, levando apenas duas grandes costuras dos lados; com meias «à ciclista», geralmente pretas e com bordados de cores em riscas, como usam os alunos de Oxford; e por fim com sapatos de salto baixo. Também poderá usar—bastante menos—o «tailleur» (muito pouco visto nesta colecção) com saia a direito e o casaco com debruns de pele de cobra, a qual, como se vê, subiu dos sapatos para os vestidos.

De tarde, a «senhora» Capucci usará um vestido liso, muito simples, as mais das vezes de gola alta e altaneira a aparecer no decote em V do «sweater». As saias dos vestidos são também lisas e o único pormenor a anotar é o grande laço de «chiffon» preto ou vermelho que vem por

debaixo da gola e cujas pontas esvoaçam graciosamente.

Nas grandes recepções a «elegante» Capucci usará vestido até aos pés, em setim, em veludo ou em musselina, mas em qualquer caso acompanhado por um «sweater» janotíssimo nos seus bordados, a tapar o tecido.

Na casa Simonetta-e-Fabiani é difícil descortinar o que pertence a um ou ao outro dos dois conjuges, ambos famosos costureiros. A fantasia da moda outono-inverno nota-se mais nos acessórios do que verdadeiramente nos tecidos ou nos feitos.

Os «tailleurs»—de um corte esmerado—mostram-se com os casacos dos dois estilos: curtos e compridos. Os que vão até à linha das ancas têm sempre um cordãozito de pele que sublinha a cintura, embo-

(Continua na 5.ª página)

Tia Zé dá-te uma ajuda

«Tia Zé, acuda-me! Não sei como corrigir as rugas das pálpebras superiores, que...»

Santo Deus, que aflição por coisas tão fúteis! Mas, está bem, eu vou ajudar-te. Para essas rugas, faz, muito ao de leve, uma mação diária com a seguinte pomada: vaselina neutra, 20 grs.; tanino, 2 grs.

«... imagine que tenho calos!»

Não são de estimação?... Então experimenta a seguinte receita: colodion medicinal à base de ricino, 20 grs.; ácido salicílico, 3 grs. Aplica de manhã e à noite. Antes de fazeres nova aplicação, retira a película formada pela aplicação anterior.

«Gostava tanto de ser morena...»

Valha-te Deus, rapariga! Ninguém está bem com a vida que tem!...

Tens duas formas de te atrigueirares: uma, é untar-te com pez... A outra, é usares a seguinte fórmula:

Azeite neutro, 550 grs.; óleo de amendoim e de amênduas doces, 44 grs.; óleo de loureiro, 5 grs.; essência de bergamota, 1 gr.

«...tenho a pele muito gordurosa e os poros abertos...»

Experimenta a seguinte receita: Éter sulfúrico, 100 grs.; álcool a 90°, 100 grs.; tintura de benjoim, 2 grs.; soluto de cânfora, 2 grs.

«... Começo a ter pés de galinha...»

Nem sempre é indício de velhice. Essas rugas podem ter origem na expressão ou na secura da pele. Podes usar o seguinte: glicírolado de anido, 60 grs.; estearato de zinco, 10 grs.; carbonato de cálcio, 10 grs.; carbonato de magnésia, 10 grs.; alúmen pulverizado, 5 grs.

Espalha sobre uma compres-

sa húmida e aplica durante meia hora.

«Tenho peles calosas nos pés...»

Muitas vezes são resultado da má circulação. Localmente, aplica, à noite, cremes hidratantes e emolientes, assim como banhos tépidos com pó de sabão.

«... pontos negros no rosto...»

Fricciona todas as noites com uma rodela de tomate.

«... tenho frequentes dores de cabeça...»

Procura conhecer as causas, que as há, com certeza. Entretanto, aplica sobre a fronte compressas de água bem quente.

«Após um dia de trabalho, o meu rosto apresenta-se avermelhado...»

Aplica compressas emolientes de água de malvas ou passa um bocado de algodão embebido numa loção adstringente e refrescante.

«...tenho insónias...»

Toma, ao deitar cebolas cruas, ou chá de alface.

«Receio que, com os trabalhos de cozinha, os dedos engrossem...»

Maça-os frequentemente. «O sabão aplicado directamente sobre o cabelo prejudica-o?»

Evidentemente. De resto, o sabão prejudica-o sempre, por causa da soda que contém. É preferível utilizar o amoníaco (pouco) e o ovo.

«A cenoura combate a anemia?»

É verdade; principalmente comida em cru.

«Tia Zé, esqueci-me de limpar a tesoura depois de cortar as flores, e ela agora está cheia de ferrugem...»

E a tia Zé que te valha, não é?... Esfrega a tesoura com

(Continua na 5.ª página)

JORNAL FEMININO

É uma revista que sabe ser amiga, camarada e companheira.

Assine: «JORNAL FEMININO». «Da mulher para a mulher»

Se por mero acaso ainda não conhece esta revista, basta dirigir-se em postal ou carta solicitando um exemplar.

Escreva para «Jornal Feminino» R. D. João IV-904 PORTO

Concorra ao concurso de Bordados, Crochet e Tricot. prémios de 2.500\$00, 1.500\$00 e 1.000\$00

«Jornal Feminino» Jornal ideal para a mulher actual



TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

O verão está no fim e já entramos no Outono, a estação das colheitas e do cair da folha. O Outono e o Inverno costumam ser as épocas mais perigosas para os velhotes... A vida parece estremecer com o pensar no frio!...

Nem tudo porém é triste nestas duas estações: pois, a primeira atira-nos com os frutos, embora regados de sangue e lágrimas, e a segunda traz-nos as alegrias do Natal com a esperança de nova vida, pois que os dias já começam a crescer.

Vindimas

Começaram as vindimas que são os trabalhos mais alegres do Outono. Os mais apressados já bebem vinho novo, de uvas próprias ou roubadas... Os outros ainda têm as uvas penduradas nas vides. Alguns só vindimarão em Outubro. Querem ter vinho bom e honra lhes seja. Pena é que nem todos possam fazer o mesmo, por falta de gente ou por causa dos amigos do alheio. O nosso vinho seria assim bastante melhor e mais fácil de conservar.

Adega Cooperativa

Amares não tem adega cooperativa e eu julgo que devia ter. Porque a não organiza, ou promove, o Grémio da Lavoura de Amares? Porque não é útil? Confesso que não estudei este assunto, e também não sou associado do referido Grémio.

Contudo vivo no meio de pequenos produtores, sem meios para aguentarem as despesas da poda, das sulfatagens, etc., e obrigados, para mais, a comprar vasilhas para arrecadar o vinho novo pois não conseguiram ainda vender o da produção ante-

rrior! Não bastava a descida vertical do preço do vinho. Vem juntar-se o aumento de salários, a impossibilidade de venda e a compra de novas vasilhas, para não terem de regar a erva com o vinho!!

A Federação dos Produtores de Trigo resolveu o problema dos cereais, permitindo o equilíbrio dos preços, de maneira satisfatória. Honra lhe seja dada, porque não trabalha em vão. O resultado dos seus esforços vê-se, para bem da Lavoura e do País.

Quanto ao problema do vinho verde a coisa não vai bem. A quem pertencerá a culpa? Tenho a certeza de que ninguém a quer. Entretanto poderemos afirmar que os grémios da Lavoura e as entidades encarregadas dos problemas da produção e comércio do vinho precisam de olhar mais atentamente para a sua missão específica se não desejam ser alcunhadas de organizações inúteis.

É tudo por hoje.

Vosso: J. Moreira

Maria José de Sousa

No dia 25, em casa de seu filho Augusto do Sacramento Costa, faleceu a Senhora Maria José de Sousa de 86 anos de idade, confortada com os sacramentos da Santa Igreja.

A finada era irmã do Senhor Domingos Delfim de Sousa, de Besteiros e da senhora Maria de Sousa, de Lordelo Bouro, e tia da Senhora D. Izabel Barbosa de Macedo, desta vila.

O seu funeral realizou-se ontem.

À família enlutada Tribuna Livre apresenta os seus sentidos pêsames.

O Televisor da Casa do Povo de Amares

A casa do Povo de Amares tinha um televisor que que muito embelezava a sede e servia os seus associados. Fora paga pelo rendimento das entradas e por financiamento de um associado.

Talvez por se ter gerado alguma incompatibilidade o televisor foi retirado por quem o financiara. Não nos parece que isto esteja certo porque há dinheiros apurados no organismo e investidos no aparelho que desta maneira reverterão a favor de um particular.

Esperamos que estes bairrismos tenham fim mais ajustado aos interesses gerais.

C.

NOTÍCIAS

Pessoais

DE VISITA

De visita aos pais, encontra-se entre nós o sr. Manuel de Almeida, Praça da G.N.R., sua esposa e filhos, moradores em Lisboa, os quais tiveram a gentileza de visitar as nossas oficinas e a Redacção deste Jornal.

«Tribuna Livre» que folga imenso em cumprimentar sempre os amigos, agradece desejando-lhe muitas felicidades.

EM FÉRIAS

Prozeio — Acompanhado de sua família, encontra-se a passar umas merecidíssimas férias, em casa de seus sogros, o Sr. Joaquim José da Silva, despachante na Alfândega do Porto.

A este assinante, Tribuna Livre cumprimenta-o.

2.º Sargento da G. N. R.

Lago — Encontra-se em férias, acompanhado de sua família, o Sr. António Antunes, 2.º sargento da G. N. R. em Vila Real.

Fez uma visita ao nosso jornal e apresentou cumprimentos ao nosso Director.

Tribuna Livre felicita-o e cumprimenta-o.

VENDE-SE um Jeep

C/ ATRELADO

Resposta a esta Redacção

DE MENINO A HOMEM

(Para a Juventude) por Manuel Vieira assistente da Juventude em Pontinha—Lisboa

Ontem tínhamos doze, dez, oito anos. Éramos uma criança, uma feliz criança. Sentiamos-nos perfeitamente enquadrados no mundo e na sociedade. A maior parte das pessoas e das coisas pareciam-nos benévolas e familiares. Mesmo que não tivéssemos sido até maltratados por mestres incompreensivos e severos, não desconhecíamos a alegria. Um quase nada bastava para nos-la dar, como a essas crianças de pocilgas infectas e vieiras imundas, privadas de tudo, menos ar e sol, mas que encontram nesses dons de Deus, o meio de conservarem o seu suave e meigo sorriso. Quase não vivíamos em nós! Nem sequer meditávamos nas tristezas deste vale de lágrimas, nem mesmo nas nossas, a não ser nas noites, em que severamente repreendidos por qualquer estroinice, que acaso tivéssemos feito, soluçávamos, sozinhos, mordendo os lençóis da cama. Julgávamo-nos, então, nas mais felizes das crianças do mundo e tomávamos Deus por testemunha da monstruosa injustiça dos Homens, maquinando terríveis vinganças. No dia seguinte, porém, tudo estava calmo e sereno. Porquê? Tínhamos o coração nas mãos!

Francisco Calheiros de Abreu

(Continuação da 1.ª página)

trou na Situação a satisfação dos seus ideais, admirando o Senhor Presidente do Conselho. Vivia intensamente o nosso problema ultramarino e só concebia a a defesa da integridade nacional, sem olhar a sacrifícios.

Distinguiu-se muito como escritor, principalmente como poeta. Além de livros de poesias que publicou são muitos os trabalhos dispersos que deixa, grande parte deles saídos nas páginas deste semanário, em que colaborava desde a primeira hora.

Era indivíduo de muito boa formação, de bons princípios e boa doutrina. Dirigente da «Sopa dos Pobres» e dos Bombeiros Voluntários o seu coração vivia em toda a parte onde campeasse o bem e o progresso.

O nosso jornal está de luto pelo falecimento de um colaborador que muito estimou e apresenta à ilustre família enlutada os seus mais sentidos e profundos sentimentos.

Não tínhamos responsabilidades. Todas juntas eram tão leves, que não pesavam mais que as bolas de sabão que soprávamos ao ar com uma pequenina palha. Fazer os nossos exercícios, aprender as nossas lições, escrever uma linha cortinha ao nosso padrinho ou madrinha no dia de Ano-Novo, não por nósdores nem rasgar o fato novo, era mais ou menos tudo. De resto rir e folgar. Pouca coisa chegava para nos por alegres e satisfeitos, e, quando não tivéssemos mais nada que fazer, iam ao sótão, onde entre velharias, dormiam soterrados no pó tesoiros escondidos e idades passadas que não acabávamos mais do que explorar. Gozávamos de um equilíbrio interior perfeito. Não sentis saudades desses tempos harmoniosos e serenos? Anos belos, sim, mas tendes diante de vós, outros mais belos ainda... se o quiserdes. Intrépida e resolutamente, voltaí os olhos para o amanhã! Sereis então homens feitos, uns adultos. Deixareis a vossa família, tereis a vossa vida com trabalhos e missões a cumprir. Amanhã sereis feitos de responsabilidades! Que nem a palavra nem mesmo o seu significado voz assustem. São as responsabilidades que fazem a grandeza do Homem.

HUMORISMO

Anedotas

—Que fazes aqui parado no passeio?

—A mamã disse-me que não atravessasse a rua enquanto não passassem os carros. Há mais de uma hora que estou aqui e ainda não passou nenhum.

—O seu gato está triste. Que aconteceu?

—Sente-se humilhado. Comprei hoje uma ratoeira.

—É verdade que estiveste quase afogado no rio Douro?

—Sim, é verdade. Se não fosse um arrojado barqueiro que se atirou ao rio para me salvar, estava agora a falar com um defunto.

—Quando eu morrer deixo tudo que tenho a um asilo...

—E quanto tem?

—Três filhos.

Em Caires

Vende-se uma Quinta

Lugar do Paço, antiga Quinta da Eira

Com casa reconstruída; 5 divisões, casa de banho, Adega, lagar, seleiro, luz eléctrica, água; terra de cultivo, laranjal com 150 laranjeiras e outras árvores de fruta azeite para 2 anos por:

300 contos

Sujeito a oferta e respectiva mobília e vasilhame

Ver local indicado e tratar em Lisboa com Lourenço Batista, Mayer Bar
Telefone 368893—Lisboa

Faze tu,

QUE EU AJUDAREI

(Continuação da 1.ª página)

zer hoje, a defendê-la de armas não mão, já o fizemos no século XVII, quando resistimos — em Luanda, Massangano, Muxima, Ambaca, Cambambe, Benguela — às investidas duras dos holandeses. Até que em 1648, Salvador Correia de Sá recuperou, com os homens que levava do Brasil, a terra ocupada pelo estrangeiro.

No século passado, quando o imperialismo das nações se aparecem hoje como campeões do anti-colonialismo as atirou sobre a África, na disposta ferroz do continente aos seus velhos habitantes, e entre os velhos habitantes Portugal, não nos livramos dos ataques, nem das espoliações. Conseguimos, graças a El-Rei D. Carlos, salvar o principal, mas a nossa defesa devia então ter começado mais cedo. Um dos nossos

defeitos é não pensar nas coisas a tempo e honras e confiar excessivamente na Santa Casa da Misericórdia, que nos dá a sorte grande, ou nas nossas qualidades de improvisação. É um erro que sempre nos custa alguma coisa.

Quando os tais imperialismos se debruçavam sobre a África e mandavam para lá os primeiros informadores — o missionário Livingstone e o repórter Stanley — que fazíamos nós?

Quem fez a pergunta, em plena Câmara dos Deputados, foi Luciano Cordeiro:

«É tempo de perguntarmos o que sucedia em Portugal durante esta sucessão rápida, impetuosa, de tantos factos, que tão de perto e fatalmente se relacionaram com os nossos interesses, com os nossos direitos, com as nossas tradições?

«Que fazíamos nós?

«Creio que fazíamos política,

esta política que nos consome o tempo e as forças, pouco menos de inteiramente, alheios a todo o largo movimento que lá fora engrossava.»

Só depois de organizada lá fora a cabala sobre a África nós principiámos as expedições — aliás sem a devida propaganda no estrangeiro. Só depois acudimos às reuniões internacionais. E lá tivemos, a seguir, de defendernos a ferro e fogo dos desvairados (sempre os houve) que tais imperialistas alimentavam com dinheiro, e armas, e promessas.

O que hoje se passa não é só de hoje. A diferença é que a situação está inserida num conjunto mais amplo. Em compensação, tivemos a nosso favor, a tempo e honras, alguns elementos de capital importância:

1.º) o heroísmo dos civis, que resistiu aos terroristas nas horas trágicas de 1961;

2.º) a acção imediata do Governo, que mandou as tropas necessárias;

3.º) a excelente qualidade moral dessas tropas;

4.º) as condições materiais que permitiram o transporte e a eficiência dessas tropas;

5.º) uma acção diplomática, que é uma obra-prima de tenacidade e de resistência, ao serviço da verdade.

Se Deus nos ajudar — e o povo assegura que Deus disse: *faze tu, que eu ajudarei* — a viagem em que o Chefe do Estado levou à grande província atlântica, com a sua presença, a presença augusta da Pátria que ele personifica, esta Angola há-de ser amanhã, na grande comunidade portuguesa, uma das mais belas e das mais altas florações da cultura, do progresso e da capacidade de realização dos homens. Digamolo com orgulho: da nossa capacidade de realização. — ANI

A Nova Estrada vista por um curioso

(Continuação da 1.ª página)

são causa de se não fazerem coisas muito grandes e muito precisas.

Ficou-me esta consolação para final do meu pensamento: a de que esta obra e todas as que se estendem pelo concelho, como as estradas de Caires, Seramil, Paranhos, ruas na vila, electrificação de meio concelho, escolas, caminhos, etc., não-de impôr quem o merece e levar luz aos responsáveis que já tiveram tempo de se deixar iluminar.

Rumos do Brasil

(Continuação da 1.ª página)

acompanhado, de mês para mês, o agravamento da situação económica e financeira do País, exaurindo-se numa inflação galopante e criando novas dificuldades para todos, com as consequentes reivindicações salariais e pressões políticas.

Chegou-se, porém, a um ponto em que a crise começa degenerar em alterações da ordem. A rebelião dos sargentos, em Brasília, é mau indício. Certamente que os poderes constituídos saberão, com energia, reprimir atentados como esse. Mas os seus reflexos, na vida da Nação, não-de ser evidentemente muito sérios. Porque se há que respeitar os justos direitos dos que vêm as suas economias esboroar-se na crescente inflação (o custo de vida, nos primeiros oito meses do ano, já subiu oficialmente quase 60%) não poderá confundir-se com a

subversão. E no clima actual, de incertezas e indefinições, não será, felizmente, o melhor que se poderá esperar.

Gostaria o jornalista de oferecer um quadro mais tranquilo da situação no Brasil. Todos os que vivemos nesta boa terra, que convivemos com o seu povo, irmão do nosso, que aqui temos a nossa família e aqui criamos os nossos filhos, desejá-riamos, ardentemente, que esta nossa segunda pátria fosse uma terra de tranquilidade e de paz. Lamentável e tristemente, as circunstâncias, tais como agora se aprvsentam, são, de facto, muito sérias, obrigando-nos a naturais apreensões. O Brasil vive, na verdade, um grave período da sua história.

Façamos votos para que a tempestade passe o mais breve possível dos céus brasileiros.

VAMOS TODOS ENCHER

O Estádio José de Alvalade no dia 9 de Outubro

Aproxima-se novo embate com o Atalanta, nosso adversário da primeira eliminatória da «Taça dos Vencedores da Taça», competição de enorme projecção internacional. É já no próximo dia 9 que a nossa representação irá lutar pela sua permanência na prova, necessitando para isso de anular a desvantagem de dois golos conseguida pelos italianos em Bergamo.

O encontro está a ser aguardado com extraordinária expectativa, aguçada pelos bons resultados que o Atalanta vem alcançando ultimamente, a demonstrar um apuro de forma terrível para as pretensões dos sportinguistas. De facto, a tarefa que se depara aos nossos futebolistas apresenta-se cheia de espinhos. Mas confiamos no seu brio e no seu valor, aliás em claro crescendo. A equipa de Gentil Cardoso dirá: Presente!

Necessário se torna que a equipa de futebol do Sporting se sinta efectivamente em casa. Os adeptos do Clube deverão comparecer em massa e apoiar incessantemente os seus jogadores. Sem o menor desfalecimento. E acredite-se que esta circunstância poderá pesar muito no desfecho final — do jogo

e da eliminatória. Reeditamos o rugido do Estádio José de Alvalade!

Cada sportinguista terá um papel preponderante a desempenhar em relação ao jogo do dia 9. Além dos minutos de jogo, que se prevê emocionante ao máximo, duro e viril, embora correcto. Esse papel deverá ser desempenhado desde já. Como? Fazendo tudo o que estiver ao seu alcance no sentido de esgotar a lotação do majestoso Estádio José de Alvalade. Os bilhetes para o sensacional encontro estão à venda. Há que vendê-los vencendo a inércia de alguns hesitantes. Há que promover a vinda de leões da província.

Queremos que o dia 9 de Outubro venha a ser um dia festa da família leonina, uma romaria alegre e entusiasta de todos os adeptos do nosso Clube. Além do mais, surge uma fonte de receita que se tem que aproveitar numa expressão máxima.

Assim, mãos à obra adeptos do Sporting Club de Portugal. A palavra de ordem terá de ser:

Vamos encher o estádio José de Alvalade no próximo dia 9!



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO, SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Telefone de serviço dos

Bombeiros Voluntários

6 2 1 6 2

FAZE TU, QUE EU AJUDAREI

Há um historiador francês que marca o início do século XVI em 1492, descoberta da América por Cristóvão Colombo. Do século XVI, considerado como ciclo de civilização, ou fase de desenvolvimento da História Humana, e não do simples ponto de vista cronológico. É uma fantasia como outra qualquer. Em primeiro lugar, porque não representa efectivamente um início de ciclo histórico, mas o prosseguimento de ciclo já iniciado e em pleno desenvolvimento. Em segundo lugar, porque Cristóvão Colombo não descobriu a América. Quando chegou às águas norte-americanas, já o continente era conhecido dos portugueses e já por lá tinham ficado os Corte-Reais. Colombo foi apenas o estrangeiro que veio para Portugal, casou com uma portuguesa, viajou em navios portugueses, aprendeu com os portugueses tudo o que sabia, mas não conseguiu saber tudo o que os portugueses sabiam, porque eles faziam segredo. Talvez por isso insistisse em chegar à Índia navegando para o Ocidente, quando nós teimávamos em lá chegar depois de contornar a África. E viu-se que tinhamos razão.

Na verdade, o ciclo histórico de que estamos a viver um período de excepcional intensidade — podemos chamar-lhe período ecuménico, pela sua extensão a todos os povos da *ecumena* — principiou com o Infante D. Henrique, no princípio do século XV, ou, como pretende Toynbee, com a chegada de Vasco da Gama à Índia, no fim do mesmo século. Este é que marca verdadeiramente o início de uma nova era, no convívio dos povos, no conhecimento e interpenetração de culturas, no desenvolvimento científico, no progresso material, na ampliação das relações de comércio a toda a redondeza da Terra, e, vamos lá, no conhecimento do próprio Homem.

Foi no decorrer das viagens para o Sul do Atlântico que os naus de Diogo Cão chegaram, em 1482, à Foz do Zaire, no território de que cem anos mais tarde, 1575, Paulo Dias de Novais tomou conta como donatário, e no qual fundaria a vila de S. Paulo da Assunção de Luanda.

Nas nossas primeiras relações com a gente da terra há um plano verdadeiramente capital: o das relações missionárias. E dele temos, além do mais, a glória de haver conseguido sagrar bispo um preto, filho do próprio Rei do Congo, D. Afonso I. Chamava-se ele D. Henrique e foi bispo titular de Utica. É preciso dizer, em abono da verdade, que foi bispo a instâncias repetidas do Rei de Portugal, contra certos preconceitos que dominavam então em Roma. Isto serve para confirmar que a nossa política de paz racial é muito antiga e nem sempre foi pacífica.

Quando o rei chamado Ngola (de onde provém o nome de Angola) mandou em 1557 uma embaixada a Lisboa, a pedir relações de amizade, relações de comércio e missionários, exprimia — isto há mais de quatrocentos anos! — um estilo de convivência, que tem sido sempre o nosso, e que bem poderia servir de exemplo, ainda hoje, se os homens não preferissem as sugestões emocionais de certas palavras, uns por preguiça de labor crítico, outros por interesse premeditado.

A pouco e pouco se foi realizando a penetração da terra — pelos missionários, pelos comerciantes e pelos aventureiros do mato. Temos de considerar essa penetração em função dos meios de que os homens dispunham naqueles tempos, sem automóveis, sem armas de fogo automáticas, sem defesa contra as doenças. Em todo o caso, o que fizemos naquelas épocas foi espantoso. O general João de Almeida contou-me um dia, em conversa, o que tinha sido o seu famoso reconhecimento da região dos Dembos, então revoltados. Descreveu-me a índole da gente, o seu modo de viver, as suas casas. E teve este comentário, que nunca esqueci: — «Eles já tinham certos móveis, cuja construção e utilização lhes fora ensinada havia séculos pelos missionários. Depois as ordens religiosas foram extintas e as missões desapareceram. Ficaram alguns vestígios espirituais, e materiais também. Mais nada.»

Ouer isto dizer: temos de aferir o trabalho feito não apenas pelo que vemos realizado; mas também pelo muito que se perdeu — e que se perdeu nem sempre por nossa culpa.

Também temos de julgar em face das realidades e não apenas do que os outros dizem e propagandeiam. Os outros e nós próprios, porque em má-língua ninguém nós leva a palma.

O ano passado encontrei numa cidade do Sul de Angola um rapaz metropolitano, ao qual a Mocidade Portuguesa dera possibilidade de percorrer toda a Província. Estava maravilhado: — «Isto é maior do que tudo quanto a gente faz ideia! E se a verdade é que temos aqui muitíssimo a fazer, também é verdade que há muitíssimo já feito. Há grandes obras, grandes realizações, muito caminho andado!»

Nós somos muitas vezes levados atrás de propagandas falsas. O que temos ouvido gabar, por exemplo, os serviços médicos do nosso vizinho Congo Belga... Pois no ano passado, em S. Salvador, contavam-me velhos colonos que as mulheres nativas do Norte, residentes no Congo Belga, onde as remunerações eram mais altas, quando estavam no final da gravidez vinham dar à luz a território de Portugal, não só para que as crianças nascessem na terra dos pais, mas porque a nossa assistência mé-

dica era mais completa. Havia camionetas que vinham só com mulheres grávidas. Mas, certo, a assistência médica no Congo... Havia lá uns enfermeiros mais categorizados, a que chamavam doutores. Mas doutores a sério, médicos autênticos, esses tinhamo-los nós. E os nossos serviços de combate à doença do sono e de combate à lepra eram, em Angola, modelares. Como em nenhuma outra região da África.

Nós temos realmente muita coisa que não valorizamos, que não damos a conhecer, pior ainda, a que não damos a atenção devida, sempre com o pescoço virado para o que se faz no estrangeiro.

O desenvolvimento cultural de Angola deu-nos já uma literatura, em que há valores apreciáveis, uns nascidos na Província, outros tocados pelo encanto da terra, pelo perfume da floresta, pela amplidão, pelo mistério do que está por descobrir na alma do povo, pelo segredo da gestação de um mundo em que a Portugalidade vai encontrar mais uma das suas formas de maior beleza. Seria de justiça lembrar aqui os etnógrafos e alguns os temos, em Angola, de alta categoria. Mas estou a lembrar-me especialmente dos criadores. E estou a lembrar-me mais especialmente ainda, neste momento, do poeta Tomaz Vieira da Cruz, de quem Manuel Múrias me disse tê-lo encontrado em Luanda como Diogo do Couto encontrou Camões em Moçambique.

Estou a lembrar-me de Tomaz Vieira da Cruz, alto, moreno, tosco, mal encabado, a grenha birsuta, e estou a ouvir-lhe os versos da *Romagem ao Quicombo*:

Em fé ardente, e crente, e milagrosa,
vinham os sobas de passadas guerras
com sua corte altiva e caprichosa.

E moças lindas, cor da noite escura,
negras flores do exílio em que te encerras,
ó minha Angola imensa, ó formosura!

E bandeiras daquelas mais festivas
certo dia tornadas prisioneiras,
all regressam, livres e altivas.

Quando elas passam com seu ar contente,
batem palmas as palmas das palmeiras
e o Sol, subindo alto, é mais ardente.

Se da cultura passarmos a outros sectores, que não iremos encontrar? Só dois exemplos: o sr. Presidente da República vai à barragem de Cambambe, que é uma das maiores fontes de energia hidroeléctrica de toda a África. E vai possivelmente visitar, em Nova Lisboa, o Laboratório Central de Patologia Veterinária, que é, também, dos primeiros de África. Creio que só existe um superior em todo o continente — e esse é na África do Sul.

* * *

É claro que a Província de Angola tem sido, por mais de uma vez, alvo de ambições estranhas. O que estamos a fa-

(Continua na 4.ª página)

Entre nós mulheres

(Continuação da 2.ª página)

ra não aperte. Os decotes são largos e as mangas a três quartos, isto a fim de que apareça grande parte das blusas — da golinha camiseiro com grande laço «à poeta» e mangas com punhos de folhos ou de rendas. As saias são de corte a direito, apenas cobrem o joelho e nada têm de especial.

Os casacos compridos do género prático são de linha direita, com grandes alinhavos a sublinhar as costuras. Os ombros são largos e arredondados. Os modelos «de mais vestir», em compensação, são rodados, mas com amplitude disfarçada em pregas grandes, que a escondem por dentro dos largos panos. Simonetta (ou Fabiani) acompanha os seus casacos (práticos e de mais vestir) com lenços atados «à la diable», na nuca. Depois das cinco horas o lenço continua igual, mas confeccionado em pele — sobretudo na de vison — ou em veludo ou celim (tratados contra a chuva) e, ainda, em pele de serpente, de uma cortidura tão perfeita que fica com a aparência de seda. Com o andar das horas, os tecidos modificam-se, mas o feitio continua igual. O lenço é agora de musselina empregueada, de lhamas de prata ou de ouro e

até de renda preta semeadinha de pérolas ou de flores. (Ai, América, América, que já usavas há tantos anos tudo isto que a Europa agora te copia...)

Para de tarde, o casal famoso apresenta os vestidos quase todos pretos, sóbrios, de ombros largos, apenas com uma aplicação de brilhantes (falsos ou verdadeiros) pregada no lado esquerdo do peito ou numa fita de veludo enrolada à volta do pescoço, em estilo «coleira de cão».

Nos vestidos «de noite» é que se abre toda uma paleta de cores lindíssimas: o rubi, o azul-chinês, o rosa brinco-de-princesa, o azul celeste, o coral e uma cor destronada que regressa: o sempre lindo rosa-velho. Os vestidos têm aqui dois estilos diferentes de saias, mas que, todas elas, varrem o chão. Há a saia tufada em pregas harmoniosas (para os setins e as lhamas) e a saia «fourreau», geralmente em misselina. Lindos boleros, completamente bordados a contas e a lantejoulas, animam o conjunto. No dia da passagem dos modelos obtiveram aplausos um desses vestidos de musselina, acompanhado por um chaile de seda, com longas franjas, dobrado em triângulo e colocado à frente do vestido, como se costuma ver nas espanholitas das estampas que acompanham as caixas de passas.

A colecção apresenta ainda, como novidades, pequenas gravatas de pérolas usadas muito junto ao pescoço; o vestido-palmeira em seda vermelho pálido com folhas de palma recortadas em tom mais forte e pregadas junto ao decote; um casaco a três quartos (decotado em barcarola, com um cinto «rosário de monge») que se veste por cima de um «fourreau» de «jersey» preto, de gola alta e saia muito comprida; um casaco desportivo em «tweed» («pied de poule» preto e branco) mas que chega ao tornozelo e se destina a usar sobre os vestidos que varrem o chão e, ainda, boleros em lã dos Pirineus em cores vivas, bordados profusamente com missangas e lantejoulas.

Os italianos, é certo, glosaram o mesmo mote dos ombros largos, das saias estreitas e compridas e do estilo um pouco arrapazado, não nos dando — ao contrário do que costumam — muito da brilhante magia das suas sedas, mas, em todo o caso, a sua moda é bonita e tem muito do sol, da alegria, da vivacidade do país mais colorido do mundo — a Itália que lhes serviu de berço.

Tia Zé dá-te uma ajuda

Continuação da 2.ª página

um lápis ou com uma borracha de safar tinta.

«Como hei-de lavar as rendas que tinha guardadas e que estão amareladas?»

Enrola as rendas numa garrafa, cobre-as completamente com um pedaço de pano branco, fino, e mete-as durante 24 horas numa dissolução de água com muito sabão. Repete esta operação duas ou três vezes; mete-as depois em água com 1% de goma. Enxuga as rendas apertando-as numa toalha seca, e passa-as a ferro depois de estendidas sobre uma superfície fofa e macia.

Para as rendas pretas, substitui o sabão e a água por cerveja boa.

O tule pode ser lavado pelos mesmos processos.

«O meu vestido branco ficou com nódoas de perfume...»

Lava-o com água e amoníaco, e, em seguida, com água simples.

«Como hei-de limpar os quadros pintados a óleo?»

Esfrega-os cuidadosamente com rodela de cebola.

«Não sei como desentupir o cano do lavatório, que...»

Deita-lhe água a ferver e amoníaco.

«Como livrar a roupa da traça?»

Espalha dentro das gavetas ou das malas cravinhos da Índia.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

A BRINCAR

Soma e segue...

Não admira que na gigantesca ponte que liga Oakland a S. Francisco da Califórnia, para evitar engarrafamentos, os automóveis circulem com tal velocidade que é impossível reconhecer os ocupantes.

—De estranhar sim, que ali por alturas de Lago, terrinha de Portugal, a miopia de certo cavalheiro não tenha lobrigado quem ocupava um veículo... estacionado.

—Mas quem eram os parceiros? Ora saiba-se que eram os filhos de um dos Conselheiros!...

Burros com sorte...

Há dias um senhor americano que andava cá pelo país a passear, viu e comprou por 300\$00 um burrinho, que fez embarcar em avião, cuja viagem custou 6 contos. À sua chegada—sua, dele burrinho—ao destino, terá música, reportagem televisada, enfim recepção princepsca. Cá ao embarcar também a Rádio, a Televisão e a Imprensa, assinalaram a sua partida. Enfim é caso para se dizer que há burros com sorte.

Gorgeta

Vivemos numa época em que dar ou receber gorgeta é banal. É o empregado do café, da pastelaria, é o barbeiro, o graxa, enfim meio mundo ou mais. Nada de estranhar ou censurar, pois. As Finanças duns permitem dar e as Finanças doutros permitem receber.

Mas estejam como estiverem as Finanças dos funcionários públicos... não deve ser permitido a estes receber...

—Porque pode pensar-se que se fulano receber grossa ou fina gorgeta, não teria sido por servir o Estado.

Vinho Verde

Não chegamos a perceber como é que ainda há tanto vinho verde nas adegas. Certo que o ano foi de grande produção. Mas também certo que se começou imediatamente a consumir, pois que estava tudo esgotadinho, e igualmente certo que se bebeu muito durante o ano pois que esteve sempre baratinho.

Se se começou tão cedo a beber do novo e se bebeu sempre muito, porque será que ainda há tanto? a ponto de só no próximo Janeiro ser permitido vender o desta colheita?

—Será que mesmo a este preço ainda trabalha o MARTELO?

Para estes mixordeiros, não é com multas mais ou menos grandes, nem com seis meses

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros Voluntários de Amores

de prisão nem com a pena de morte que o mal se resolveria; Era com PRISÃO PERPÉTUA até à 5.ª geração.

A propósito

A propósito de só em Janeiro se poder vender o vinho novo, diremos que achamos bem por dois motivos e que achamos mal por um.

Os dois porque achamos bem:—primeiro: ainda haver muito vinho, segundo: ainda eu ter também algum para vender. O único motivo porque achamos mal: é que há quem necessitaria de o vender rapidamente porque as Finanças assim o permitem. Ainda hoje 25, verificamos simplesmente isto: um produtor pedir a um taberneiro que lhe comprasse uma pipa de vinho por X (não dizemos o preço para não alarimar) porque tinha de pagar até sábado a décima.

Outro Problema

Outro problema que me está a preocupar é o da falta de vasilhame. Sou um produtor pequeno: à roda da dezena de pipas. Conto com produção igual ou superior à do ano passado. Assim, tendo ainda trez e tal para vender, estou a ver que tenho de comprar cascaria.

As Finanças gerais, comportariam mais essa despesa, felizmente. Mas não sei se valerá a pena. Não será melhor, vendê-lo ainda mais barato?

Pobre lavoura. Pobre lavrador.

Futebol

Verificamos, com agrado, que o Braga foi ganhar ao Vildemoinhos. Esperemos que o F. C. de Amores vá ganhar ao Paredes Secas, Futebol Club.

Esperemos, confiados, nos nossos briosos rapazes.

C. de L.

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	50\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Associação dos Cegos

do Norte de

Portugal

Pretende esta Associação de acordo com o seu Conselho Técnico (Conselho Tifológico), reabrir no próximo mês de Outubro os seus Cursos de Braille (leitura e escrita em relevo) e de Instrução Primária, deixando para quando dispuser de melhores instalações a criação de outras aulas.

Como nos primeiros cursos que funcionaram ininterruptamente de 5 de Junho de 1961 a 31 de Julho de 1962, também os de agora serão gratuitos, bem como todo o material escolar indispensável.

São incalculáveis as vantagens da instrução de todos os cegos, cujo futuro se apresenta cada vez mais ridente, mercê dos progressos da ciência, da melhor compreensão de todos, da iniciativa particular e do Estado. Através da Fundação Raquel e Martin Sain e do Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, iniciou-se uma interessante Obra de recuperação dos cegos, que em pouco mais de um ano já colocou cerca de 2 centenas de indivíduos. Entre estes, contam-se 3 sócios da nossa Associação, 2 dos quais foram alunos dos seus Cursos, tendo também uma aluna feito exame de 4.ª classe, com boa classificação.

Todos os cegos que sabem Braille têm à sua disposição a nossa Biblioteca, com razoável número de livros e revistas. Saber ler não é só um meio de adquirir conhecimentos, como o também interessante passatempo.

Se está interessado em, pelo menos, saber ler e escrever poderá utilizar o nosso telefone ou vir à nossa Secretaria, aberta todos os dias úteis, das 14 às 19 e das 21 às 23 horas.

Haverá aulas para os dois sexos, em dias e horas a anunciar, conforme o número de inscritos, pelo que agradecemos que faça a sua matrícula até 30 do corrente e que dê conhecimento a todos os possíveis interessados.

As nossas aulas de Braille podem também ser frequentadas por pessoas com vista que, por mera curiosidade intelectual ou por terem parentes cegos, manifestem desejo de aprendê-lo.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Tribuna Desportiva

Taça dos Campeões

Europeus

O Benfica deslocou-se à Irlanda para realizar o desafio da primeira mão da taça dos campeões Europeus.

Cumpriu dentro dos moldes das previsões, a ganhar por 3-2 consentiu o empate devido à má actuação da sua linha de defesa que não esteve à altura duma equipe com aspirações como é o caso do Benfica.

Em princípio de época e com a falta de acerto na sua linha dianteira não era de esperar mais, mas pergunta-se porque não foi utilizado Augusto Silva que tão boas provas deu no passado domingo no lugar de médio, lugares estes que o treinar tem dificuldade em ocupar, por falta de elementos.

Aguardamos os próximos desafios e esperamos tudo corra dentro da categoria dum Benfica.

Taça das cidades

com Feiras

O Belenenses deslocou-se a Zagreb para realizar o desafio da primeira mão da Taça das cidades com Feira, ganhou por 2-0, o que não estava dentro das previsões

e ganhou bem pois toda a equipe foi um bloco não havendo lugar para destaque a qualquer jogador, todos cumpriram.

Parabéns pois aos rapazes de Belém e esperamos que na segunda mão vencerá por margem mais folgada, passando assim à eliminatória seguinte.

Quatro dezenas de equipas principiaram a disputar a Taça de Portugal

A Taça de Portugal inaugurou a época oficial de futebol, movimentando nada menos que 42 equipas.

Os resultados foram os seguintes: Vitória de Guimarães, 6—Seixal, 0; Belenenses, 3 — Peniche, 2; Olhanense, 0 — Cuf, 0; Oriental, 0 Lusitano 2; Académica 6 — Leça 1; Marinhense 0 — Espinho 0; Lusitano 2—Braga 5 Beira Mar 3,—Sanjoanense 0; Montijo, 4—Torriense 2; Portimonense 0—Leixões 2; Salgueiros 2—Feirense 0; Alhandra 3 — Sporting 5; — Os Leões o Porto 7; Sporting da Covilhã 2 — Setúbal 3; Boavista 4, — Desportivo de Beja, 2; Varzim 2 — Cova da Piedade 1; Vianense 5 — Lusitano de Vila Real 0; Barreirense 1 — Atlético 1; Famacção 2 — Sacavenense 1; Oliveirense 1—Farense 1; Lusitano o — BENFICA 6.

A segunda mão da primeira eliminatória joga-se no dia 29 de Setembro.

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interesse)

Nome

Morada

(Escrever de forma bem legível)

VENDE-SE

Casa de lojas e 1.º andar com vinha. Oliveiras, Laranjal e outras fruteiras—e bouça da Boa Vista com bom mato e toda morada

Tratados no lugar do Pilar - Fiscal (Amores)

Trata: Augusto R. Macedo

Travessa Mato Grosso, 43 - A

LISBOA - 2